

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 174 — Domingo, 7 de Outubro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BONS IMPRESSOS
E CARIMBOS
NA —
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3
AVENIDA

PETRÓLEO DE ANGOLA PORTUGAL EM LISBOA e a questão do Suez

CHEGOU no dia 26 de Setembro a Lisboa a primeira remessa de petróleo de Angola, constituída por 4.300 toneladas daquele produto, em bruto, que foi descarregado no cais da Matinha, a fim de que a «Sacor» o refine e o distribua.

Esse petróleo foi embarcado em Luanda, no dia 7 do mês findo, na presença do Chefe do Estado, no navio-tanque português «São Mamede». Trata-se de uma remessa por assim dizer simbólica, mas isso deve-se à circunstância de a Companhia de Combustíveis do Lobito (Purfin), concessionária da exploração, não dispor ainda, no porto de Luanda, dos tanques próprios, por se aguardar o acordo com o Governo quanto à localização da refinaria. Brevemente se procederá à construção de dois tanques, de quinze mil metros cúbicos cada um.

Por outro lado, enquanto se aguarda a instalação de uma «pipe-line», de doze polegadas, já encomendada, e cuja entrada em serviço está prevista dentro do prazo de um ano, o petróleo teve de ser transportado em camiões-cisternas desde Benfca até ao cais.

Apesar de o contrato com o Governo só ter sido assinado em Março de 1953, a Companhia de Combustíveis

do Lobito, que há muitos anos distribuía produtos petrolíferos em Angola, já em Abril de 1952 começara os trabalhos de pesquisa, ao abrigo de uma licença do Ministério do Ultramar.

Os estudos geológicos e geofísicos demonstraram a existência de uma grande zona sedimentária, pela identificação de diversas estruturas sísmicas e geológicas.

Utilizando, a princípio, uma sonda que não podia atingir senão 1.800 metros

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

A PONTE de Mértola

Tiveram início, na passada semana, as obras de construção da nova ponte sobre o rio Guadiana, na vila de Mértola, mandada executar pelo sr. ministro das Obras Públicas, em substituição da antiga, que tinha sido arrastada pelas cheias, no inverno.

A nova ponte, que é de cimento armado, mede 295 metros de comprimento, por 12 metros de largura.

O MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE

MAIS de um século se arrastou a ideia da erecção de um monumento a D. Henrique, o Infante, ideia que só agora se irá tornar realidade, sob a égide do senhor presidente do Conselho, que, empenhando-se por ela, junta ao já vasto programa das realizações levadas a cabo pela Revolução Nacional, mais uma delas, das mais importantes, pela grandeza da efectivação e pelo significa-

do evocativo e patriótico que encerra.

Se os Descobrimentos Portugueses não foram exclusivamente da Segunda Dinastia, pois as nossas tradições marítimas remontam aos primórdios da nacionalidade, desde o costear do nosso território, em viagens de cabotagem, até ao impulso dado por um D. Dinis à nossa Marinha e a um D. Fernando, passando-se pela discutidíssima, mas certa e atestada, expedição às Canárias, — primeiro passo, para muitos historiadores, nas nossas expedições marítimas, de importância extraordinária, — se os Descobrimentos Portugueses não foram obra exclusiva da 2.ª Dinastia, é certo, sem dúvida, que eles não existiriam, porém, decididamente, sem a Família de Aviz, de entre a qual se salienta o Infante D. Hen-



Aspecto, velho de doze meses, da «Feira da Praia», nesta vila

AS FEIRAS DO ALGARVE

REALIZA-SE NESTA VILA, NOS PRÓXIMOS DIAS 11, 12 E 13, A TRADICIONAL «FEIRA DA PRAIA»

OUTONO, no Algarve, oferece uma particularidade especial que, embora sem qualquer relação com as «nuances» climáticas, lhe é característica: é a estação das Feiras. Desde meados de Setembro até fins de Novembro, o longo cortejo das barracas de quinquilharias e bujigangas, os circos, os carroceiros, as «escolas de tiro», os «comes e bebes» e todas as fantasias de exibição clássica nas feiras do nosso país do sol, calorreiam as estradas algarvias, em velozes camionetas ou em velhas traquinetas, ao toc-toc cansado de ma-

gros cavalecoques, deixando em cada terra, nuns escassos dias de barulheira e algazarra, a agradável recordação de um anacronismo que, pela força da sua sobrevivência, acaba por nos ser simpático.

Acontecimento de sabor vincadamente popular, ainda conserva, pelo menos na nossa província, grande parte das suas feições tradicionais, embora puxando bastante para «feira de divertimentos» — exclusivo em que, mais tarde ou mais cedo, acabará por cair irremediavelmente.

Depois das feiras de Oihão e Tavira, teremos nesta vila, nos próximos dias 11, 12 e 13, a tradicional «Feira da Praia», atroando a Avenida da República, que está a engalanar-se, para o acontecimento, com os mil e um alto-falantes que hão-de martelar-nos os tímpanos com as excelências das «maravilhas» e dos «fenómenos» que se exibem no recinto — à mistura com fados dolorosamente esganados ou esquizofrénicos batucos «made in U. S. A.»

Por D. Henrique, Portugal deu novos mundos ao Mundo; por D. Henrique, Portugal se fez conhecido e

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Depois, extintos os últimos rumores — seguir-se-ão a de Santa Iria, em Faro, a de S. Martinho, em Portimão, e as de Lagos, Silves e Albufeira, completando-se, assim, o ciclo das feiras que, em cada ano, põem uma nota viva de cor e de ruído no suave Outono algarvio...

Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Chuva de Outono

Dias e dias devorados pela chuva. Nada a fazer, para os salvar. E' cruzar os braços e deixar que os pobres sejam destruídos até à última gota da sua luz.

A chuva é um encantador de serpentes. Enleador. Do mais fundo de nós próprios remontam angústias. Os nossos problemas começam a arder e a queimar-nos as mãos. Nenhuma arte, nenhuma literatura é tão acerbamente proustiana como esta chuva compacta e pegnhenha que traz a decadência montada em seu coleante dorso.

Fito a serra escalarada, com centenas de picos agrupados, a lembrar uma jurunculose aguda. A solidão monta na chuva e espera por mim lá fora. Vão dizer-lhe que não! Vão dizer-lhe que não.

Sei que vocês concordam comigo

A guerra e a paz. O problema central da nossa época. (Não queria dizer assim. Fica muito académico. Paciência. Assim como assim, já não lhe toco.) Problema não só de governos e não só de povos. Problema de cada um de nós. E em verdade vos digo: podemos resolver todos os problemas. Se, porém, em nosso foro íntimo, a balança não estiver totalmente inclinada para a paz, nenhum problema, na realidade, ficará resolvido.

As máquinas por dentro

Nunca lhes aconteceu olhar para um aparelho complicado (uma máquina de calcular, um Raio X, uma telefonia, sei lá!) e imaginar o estranho mecanismo que dá vida àquilo tudo? Imaginar em vão, claro está, porque ignoramos tudo. Assim fico eu em relação à D. A. Vou dizer porquê. A D. A. é uma senhora francesa. Quer que a tratem só por Madame. Apenas porque embirro com ela é que escrevo aqui: Dona A. Mora ao pé de mim, num belo palacete rodeado de flores e de árvo-

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

«DIÁRIO POPULAR»

Entrou no seu 15.º ano de publicação, no passado dia 22 de Setembro, o nosso prezado colega da capital «Diário Popular».

Ao seu ilustre director, sr. dr. Cunha Leão, e a todos os que trabalham no importante vespertino lisboeta, apresentamos sinceras felicitações, com desejos de longa vida editorial.

RELÂMPAGOS

Lar para todos (2)

EM referência ao «suelto» com este título, que inserimos no número anterior, impõe-se fazer uma rectificação de cifras. Dissemos que o número de casas necessárias para debelar a grave crise habitacional que aflige a nossa terra estava calculado em cerca de 200.

Verificamos agora, pela informação de «O Século», que, segundo o recente inquérito municipal, «cerca de 2 mil pessoas vivem em quartos e barracas, por não terem casa». Nestas condições, e se tomarmos como base uma média de 5 pessoas por casa, vê-se que a nossa estimativa foi ultrapassada e que realmente seria preciso edificar, para já, mais 400 casas, a fim de solucionar devidamente o problema em causa.

Não desejamos cair em utopismos, pois interessa mais uma política do «possível» que do «desejável», mas isto não invalida o facto de os dados oficiais terem vindo confirmar o valor do nosso argumento. Insistimos em crer que, à margem das benéficas rea-

lizações complementares do trinómio Estado-Município-Beneficência, de alcance sempre forçosamente restrito, deve ser à iniciativa particular que compete o «grosso» da edificação urbana, que é, afinal, o fulcro da questão.

Com efeito, se a construção particular não se mover por falta de facilidades ou de incentivos, e ficarmos confinados à planificação oficial, veremos que daqui a dez anos estarão prontas e habitadas talvez mais umas duzentas casas, mas o problema será então ainda mais agudo que neste momento, visto que o aumento demográfico vai-se processando incessantemente, já pelo crescimento normal da população autóctone, já mer-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Bairro para as classes pobres DE LAGOS

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu, pela verba do Fundo de Desemprego, à Câmara Municipal de Lagos, uma comparticipação da importância de Esc. 46.500\$000, como reforço para a obra de urbanização do Bairro para as classes pobres, que está sendo concluído na mesma cidade.



apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

NAO é a primeira vez, nem será, certamente, a última, que damos a palavra, nas nossas crónicas, a colegas da imprensa que focam certos assuntos que nos parecem interessantes.

Voltamos a fazê-lo hoje, transcrevendo parte de uma reportagem feita em Israel, por José de Freitas, para o «Diário Popular».

«Beit Zera, o «Kibutz» do vale do Jordão, se é uma das mais impressionantes realidades do homem e da terra de Israel, é também uma indiscutível certeza, uma prova material e palpável de que o coração humano encerra,

ainda hoje, quando novas vagas de egoísmo querem assolar o Mundo, forças desconhecidas de generosidade, imensas possibilidades de altruísmo, dedicação e verdadeiro amor ao próximo, espírito de renúncia e até um desejo voluntário de sacrifício.

Estou em crer que o «Kibutz», criação palestina, vive do prestígio da Bíblia, vive da paisagem e da terra e sustenta-se e mantém-se devido aos elos, sem explicação para o estrangeiro, ao poder moral e à persistência secular que aproximam e unem e fundem o povo judeu. A renúncia e o sacrifício da gente do «Kibutz»

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

É INEGÁVEL que à diferenciação da paisagem geográfica corresponde problemática diferente para o homem que a ela reage ou a ela se prende por liames que diferem consoante a capacidade de reacção ou de adesão, ao mesmo tempo que isso diferenciará o homem de um certo local perante o homem seu antípoda ou mesmo seu vizinho. Este conjunto de circunstâncias dá ao regionalismo uma valoração que não lhe tem sido muito notada, entre nós, que confundimos universalismo com cosmopolitismo e que julgamos que o regionalismo de tantas das nossas afirmações literárias é defeito que urge curar, para que o nosso escritor tenha assento no consenso dos grandes nomes da literatura mundial. Grandes nomes que, na maior parte dos casos, se universalizaram no seu regionalismo...

Não quero entrar na exemplificação, tão longe ela me levaria; mas não quero deixar de notar o valor que tem o regionalismo, ao escrever sobre A. Vicente Campinas, sobre seus poemas, contos e romance, onde esse regionalismo vem ao de cima, em forma a criar não só interesse humano à volta da sua obra, mas ainda estilístico e filológico. E tudo isto comunicativo, universal, sem que o autor

CASA DO ALGARVE

A nova temporada cultural e recreativa da Casa do Algarve terá início, em 14 do corrente, por uma elegante «Tarde Algarvia» dedicada às famílias e convidados dos seus associados.

A mesma agremiação manterá desde o corrente mês, no seu salão de festas, às segundas, quartas e sextas, em colaboração com o Ginásio Clube Português, uma classe feminina de danças rítmicas e clássicas, regida pela professora diplomada em danças clássicas pelo Conservatório Nacional, sr.ª D. Georgina Villas-Boas.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. Eduardo José Raposo, presidente da Câmara Municipal de Mértola, que com sua família passou a época balnear na praia de Monte Gordo.

Encontra-se em Mafra, a frequentar o Curso de Oficiais Militares, o nosso conterrâneo e estimado amigo sr. dr. Fernando Leonel Viegas Álvares.

Com sua família, partiu para Lisboa, onde foi fixar residência, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. João Inácio Pato, que teve afectuosa despedida das numerosas pessoas amigas que deixa nesta vila.

Estêve a férias, acompanhado de sua esposa, o nosso amigo e conterrâneo sr. Francisco Afonso, sargento da G. N. R., tendo já regressado a Lisboa, acompanhado do menino Carlos Manuel Salgueiro Moreno.

Já se encontram entre nós, no regresso da excursão de dois meses feita no paquete «Vera Cruz», que realizou o périplo de África, os nossos conterrâneos e prezados amigos srs. eng. Sebastião Garcia Ramirez, deputado da Nação, e Raul Folque Flores, importante industrial neste centro.

Com sua esposa e filhos, retirou para Coruche, onde foi exercer as funções de secretário de Finanças, o nosso prezado amigo sr. Faustino do Nascimento, que durante alguns anos chefiou a Secção de Finanças desta vila.

Regressou de Estoi, onde passou as férias com sua família, a nossa prezada assinante sr.ª D. Adelina Paula de Sousa, professora da Escola Primária Feminina, nesta vila.

Foi colocado na Secção de Finanças desta vila o nosso prezado assinante sr. António Matias, escrivão das Execuções Fiscais.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, o sr. José Manuel Baptista, 1.º cabo paraquedista e nosso prezado assinante em Tancos.

Vimos nesta vila, acompanhado de sua esposa e filho, o nosso amigo e conterrâneo sr. Dante Barbosa Guerreiro, residente em Lisboa.

Com sua esposa e gentil filha, encontra-se em Madrid o nosso prezado amigo e assinante sr. D. Francisco Lopez Tejero, canceller de Espanha, nesta vila.

Com sua esposa e filhos, retirou da praia de Monte Gordo, onde passou a época balnear, para a sua casa em Lisboa, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, no passado dia 4 do corrente, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Suaeete Monchique Belitão Socorro, esposa do nosso prezado assinante sr. Manuel Socorro.

Despedida

Faustino do Nascimento, sua esposa e filhos, não tendo podido despedir-se de todas as pessoas amigas desta vila, da qual levam gratas recordações, vêm fazê-lo por este meio, oferecendo a sua casa em Coruche e agradecendo todas as atenções recebidas.

CINE-FOZ

Apresenta hoje, o grandioso filme PARA ALÉM DO ABISMO, com Joseph Cotten e Teresa Wright.
O drama mais emotivo dos últimos tempos.
O homem que sonhou conquistar um milhão de dólares. Planeou o mais audaz golpe, mas não previu a força do destino.
(Espectáculo para adultos).
Terça-feira, 9, um sensacional programa duplo.
ROMANCE DE UM JOGADOR, com Dale Robertson e Debra Paget.
ESPERA-ME À SAÍDA, com Betty Grable e Macdonald Carey.
(Espectáculo para adultos).

PROVINCIA

TAVIRA

Estrada de Santo Estêvão

Já ficaram concluídos os trabalhos de alcatroamento da Estrada de Santo Estêvão, primeira fase. Fazemos votos para que, dentro em breve, seja concluído o outro troço que falta, para ficar directamente ligada à aldeia de Santo Estêvão.

Plano de actividades

Aguarda-se, com muito interesse, o Plano de Actividades para 1957, referente à nossa Câmara Municipal, visto que todas as câmaras, nesta altura, já o publicaram. Será desta que pequenas obras, que aguardam há muito tempo conclusão, serão atendidas?

Custo da vida

Com as primeiras chuvas, aumentou o preço do carvão, quando deveria ser o contrário, pois a água costuma acudir sempre ao peso... Os ovos continuam igualmente a subir, e a seguirem, em grande escala, para fora do concelho. Isto faz-nos lembrar uma canção cantada, há bons 40 anos, pelo falecido actor Queiroz: «Tudo sobe, tudo aumenta, onde irá isto parar?»

A mendicância

Com as vésperas de feira, têm aparecido dezenas de pedintes a aborrecer, com suas lamúrias e palavras inconvenientes, a quem não lhes dá esmola. Temos verificado a boa vontade da Autoridade Administrativa em querer acabar com essa «chaga», mas uma intensa fiscalização deve exercer-se contra o espectáculo deprimente da mendicância nesta cidade.

Aniversário

No passado dia 3 do corrente, fez anos o nosso prezado amigo sr. tenente Francisco Solésio Padinha, distinto vice-presidente da Câmara Municipal de Tavira. — E.

LUZ DE TAVIRA

Festejos da Casa do Povo

Conforme havíamos anunciado realizaram-se com grande brilhantismo no passado domingo na Casa do Povo da Luz de Tavira, os festejos comemorativos do XVIII aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, a que toda a freguesia se associou com a sua presença. Às 8 horas, ao ícar da bandeira, subiram ao ar dezenas de foguetes e morteiros anunciando assim o início das festividades.

Por volta das 15 horas, numa das salas da Casa do Povo foi servido por gentis meninas um abundante lanche a mais de 150 crianças filhas dos sócios efectivos, e meia hora depois chegou ali sua Ex.ª o governador civil de Faro, acompanhado do Ex.º dr. António Teixeira Marques, delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, que receberam cumprimentos de boas vindas em frente do edifício da Casa do Povo dos srs. capitão Jorge Ribeiro, presidente da Câmara Municipal de Tavira; dr. Jorge Augusto Correia, presidente da Comissão Concelhia da União Nacional; comandante do Terço da Legião e do delegado da Mocidade Portuguesa, no concelho de Tavira; directores da Casa do Povo, dos representantes dos Organismos Corporativos e ainda de outras individualidades. O sr. governador civil que passou por entre as alas formadas pelos estandartes dos Sindicatos Nacionais e Casas do Povo, antes de entrar no salão onde se realizou uma sessão solene, dirigiu-se à dependência onde se encontra-

ram as crianças, permanecendo algum tempo junto delas no momento em que saboreavam o arroz doce.

Durante a sessão solene, em que discursou em primeiro lugar o sr. Manuel Correia Dourado, presidente da Casa do Povo, seguido dos srs. dr. Jorge Correia, trabalhador Joaquim do Nascimento Evangelista, dr. António Teixeira Marques, delegado do I. N. T. P. e, por último o sr. governador civil.

Foram descerradas as fotografias do ministro das Corporações e Previdência Social e do dr. Quirino dos Santos Mealha, em que a numerosa assistência sublinhou o acto com vibrantes aplausos.

Foram distribuídas enxadas por alguns sócios efectivos mais necessitados, oferta do saudoso sócio protector alferes João Braz de Campos, que ao receberem estes utensílios das mãos do sr. governador civil eram por este magistrado felicitados. Além da distribuição de vestuário e calçado aos filhos dos sócios efectivos menores de 14 anos, vários chefes de família foram contemplados com prémios «capitão António Aboim Vila Lobos» este numero de prémios foi acrescido em virtude duma generosa dádiva do sr. comandante José Emilio Henriques do Brito, ilustre capitão dos portos de Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António. Também se dignou contribuir com um donativo para esta festa o sr. tenente Francisco Solésio Padinha, vice-presidente da Câmara Municipal de Tavira.

Terminaram estes festejos, com um grandioso baile que se realizou na esplanada deste Organismo com a colaboração duma das melhores orquestras do Algarve e em que actuou num acto de variedades, a consagrada cançonista da F. N. A. T., Maria Amélia Marques. — E.

ODELEITE

«Terras da Ordem»

Há assuntos tão melindrosos que receamos tocar-lhes, ao de leve que seja. Neste caso está a velhíssima questão das «Terras da Ordem» — ou, melhor, da desordem — que se arrasta há muitas dezenas de anos, com gerais inconvenientes para esta aldeia.

Os povos nelas implantados dificilmente poderão manter a existência sem as usufruir, e é isso que nos leva a mencionar o assunto.

Não é nossa ideia, presentemente, fazer uma descrição do que a mesma foi; apenas fazer lembrar que 95 por cento dos «males» que esta aldeia sofre são os tristes reflexos dessa malfadada questão.

Não seria mais agradável pôr a questão a claro e tornar as mesmas em regime de propriedade privada, onde o dono, ou donos, pudessem fazer valer os seus direitos incontestavelmente? Tomando como exemplo outras regiões do País, onde questões desta natureza têm sido solucionadas, seria uma obra meritória.

Possivelmente, de futuro, citaremos inúmeros casos de desorganização que a mesma vem originando.

Limpeza do poço público

Todos os anos, em Setembro, é hábito e necessidade as autoridades locais, de comum acordo com os chefes de família, ordenarem a limpeza do mesmo.

As enchentes da ribeira do ano transacto por vezes o deixaram com muito lodo dentro, que transmite à água um sabor desagradável.

Na hipótese de que os muitos afazeres façam esquecer determinados artigos do Código Administrativo, fazemos recordar tão urgente necessidade, que ainda vem a tempo.

Notícias Pessoais

Acompanhado de sua esposa e filho, já retirou para Lisboa, onde vai retomar o seu serviço, o sr. Francisco Tomás de Paiva Freitas, digno 1.º oficial da Direcção Geral das Contribuições e Impostos.

Já se encontra nesta localidade a professora oficial do Ensino Primário, sr.ª D. Maria Helena da Silva Rosa, natural de Tavira, que vem tomar posse da escola do sexo feminino.

Por ter terminado o tempo de serviço militar e depois de estágio na capital do País, já se encontra em casa de seus pais o nosso prezado amigo sr. Manuel Vieira da Fonseca Dias, filho do nosso amigo sr. Serafim Quintino Vieira.

Aniversários

Completo, no dia 6 do corrente, 1 ano de idade o menino António da Silva R. Martins, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. António Martins.

No mesmo dia, completaram: 4 anos o menino Mário Alberto Branco, interessante filho da sr.ª D. Virgínia Alberto Custódio, e 10 anos a menina Maria Hortense B. dos Santos.

Dia 11, a sr.ª D. Suzete de Brito Quintino.

Dia 17, a menina Maria Paula

MELHORAMENTOS LOCAIS

SEGUNDO lemos na Imprensa diária, o sr. presidente do Município local deslocou-se a Lisboa, onde se avistou com alguns membros do Governo e outras entidades oficiais, a fim de tratar de alguns assuntos do maior interesse para a nossa terra. Entre eles, avulta, pela gravidade de que se reveste, o problema da habitação, que mereceu do sr. ministro das Obras Públicas a promessa de participar já este ano a construção de 25 casas de 2 tipos, com capacidade para quatro famílias

CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)
res de fruto. D. A. não colhe flores, e os frutos apodrecem nas árvores. Entre estas, há uma enorme figueira moscatel que nasceu num canteiro à beira do caminho. Estão mesmo a perceber a figueira, não é verdade? Foi nascer ao pé da rua para não ficar de todo inútil, para matar a fome às muitas crianças que ali passam. Digo isto porque só queria que vocês vissem: a figueira está quase toda caída para a rua...

Mas a D. A. não ficou satisfeita com a arte da figueira. Sabem o que faz? Passa o dia encostada ao portão, a enxotar os rapaziños que se aproximam. E se durante a noite algum figo desaparece, D. A. apresenta queixa na esquadra...

Alma estranha é esta! Começo a imaginar a máquina por dentro, e não consigo. Bom, o artista deve ser como o médico; não se deixa vencer por nenhuma repugnância. Ainda não atingi esse nirvana. Penso na alma doente de D. A. e, instintivamente, levo ao nariz o lenço perfumado.

Meu amigo Brasileiro

Quando tiver disposição, escrevo um conto para vocês. A primeira personagem dele vai ser um brasileiro (não o brasileiro camiliano: um brasileiro mesmo, heim?) chamado Upi. Vejam só! Diz-se descendente dos índios, mas isso deve ter sido já há muito tempo. Agora é um sujeitinho magro, escuro, de óculos maços encavalitados num nariz frágil demais para tanta culpa. É casado com uma portuguesa, que em boa hora pensou trazer o marido à pátria cara. Digo em boa hora, porque o senhor Upi anda encantado, positivamente fora de si. Tem alma de artista, não há dúvida. Gostava que estivessem ao pé a ouvir a conversa deles: «Você não está vendo aquele morro, heim? Vocêzinho já viu coisa que tal?» A senhora Upi cora de felicidade, de olhos humedecidos. Bate-lhe na cara, dengosa: «Vocêzinho gosta, hum, vocêzinho gosta mesmo? Conheci-os aqui, na pensão. Falei-lhes, pela primeira vez, em plena estrada. Iam, para o balneario e ofereceram-me lugar, ao lado da filha, a Maria Rita, no imenso «espada» cor de cadário. A partir de então, não prescindem da minha companhia. A preocupação do senhor Upi é não me deixar esquecer.

— Tem tempo, senhora. Descança agora esses miolos... Desato a rir. A senhora Upi ri comigo. Maria Rita, com uma voz doce, ralha com papal. Depois volta-se para mim: — Mi leia.

Lhe leio. O senhor Upi afinou o carro e regressa limpando furtivamente os óculos.

— Um dia escrevo uma coisa para o jornal do Brasil, está certo? O director é um traste meu amigo.

Agora digam lá quem é que pode ficar sério!

Maria Manuela Nunes

dos Santos Quintino, filha do nosso assinante em Vila Franca de Xira, sr. José dos Santos Quintino Júnior.

Também fizeram anos, em 5 do corrente, António Simão Estêvão, artesão, Mário Xavier de Brito, proprietário, Américo Albano, proprietário, Pedro António Alberto, proprietário, e Francisco Machado, técnico em poços.

A todos, os nossos parabéns e votos de felicidades. — E.

cada. Também o sr. ministro das Corporações prometeu a construção, por intermédio da Federação das Caixas de Previdência, de dois edifícios de três pisos, para seis inquilinos cada, e cinco de dois pisos, para quatro famílias cada, destinados à classe média.

Com destino aos pescadores de Monte Gordo, serão inauguradas no próximo ano, naquela localidade, vinte e cinco casas, conforme promessa do sr. comandante Henrique Tenreiro.

Outros assuntos tratados: participação para pavimentos, a construir juntamente com a última fase das obras dos esgotos; criação do Centro Social de Nossa Senhora da Encarnação; aquisição de terrenos que pertenceram ao caminho de ferro e que se destinam a urbanização; construção do quartel dos bombeiros voluntários, que continua dependente da entrega da memória descritiva, pelo arquitecto Jorge de Oliveira, autor do projecto — e, ao que sabemos, o principal culpado pelo atraso desta obra.

Será para nós motivo de sincero júbilo a concretização de tão importantes melhoramentos para Vila Real de Santo António, não queremos, entretanto, deixar de aproveitar o ensejo para, mais uma vez, manifestarmos aos Governantes que tão bem têm sabido compreender as necessidades desta vila, e, muito especialmente, ao insigne ministro das Obras Públicas, sr. eng. Arantes e Oliveira, os protestos da sincera gratidão de todos os vilarrealenses.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 29 de Setembro a 5 de Outubro:

TRAINERAS	
Brisa	57.550\$00
Conceição	31.215\$00
Infante	31.040\$00
São Torquato	30.650\$00
Audaz	25.835\$00
Tozé	23.305\$00
Liberta	23.230\$00
Triunfante	14.320\$00
Flor do Guadiana	12.540\$00
Janita	11.280\$00
Flor do Sul	10.300\$00
Maria Rosa	9.920\$00
Lenita	7.600\$00
Leste	5.700\$00
Tóluis	3.429\$00
Total	297.914\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 29 de Setembro a 5 de Outubro:

Entrados:

OBERHAUSEN, Alemão, de 1.812 ton., de Setúbal, com folha de flandres.
ZÊ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
SCHWANECK, Alemão, de 1.298 ton., de Setúbal, com folha de flandres.
LAUPEN, Suíço, de 468 ton., de Tânger, com carga em trânsito.
COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, com adubos.

Saídos:

OBERHAUSEN, Alemão, para Cádiz, com carga em trânsito.
CORUCHE, Português, para Granville, com minério.
SCHWANECK, Alemão, para Cádiz, com adubos e conservas.
LAUPEN, Suíço, para Leixões, com conservas.
ZÊ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 6 a 12 de Outubro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Informamos que estamos procedendo à cobrança das assinaturas referentes à 18.ª série e também de algumas que estão em atraso.

Contamos que, como de costume, os nossos estimados assinantes providenciem de forma a que os recibos sejam liquidados no momento da sua apresentação, o que nos evita desnecessários transtornos e despesas.

Nos nossos assinantes das Províncias Ultramarinas e do Estrangeiro, que tenham as suas assinaturas em atraso, pedimos o favor de nos mandarem as importâncias dos seus débitos, directamente ou por intermédio de pessoas de família residentes em Portugal continental.

JOSÉ CÂNDIDO MONTEIRO

Solicitador provisionário

Torna público que, por conveniência familiar, passa a residir em Castro Marim, terra da sua naturalidade.

Por este motivo e até conseguir casa para escritório nesta vila, permanece todos os dias úteis, a contar do dia 12 do corrente mês, no Tribunal Judicial, das 10 às 13 e das 14,30 às 16 horas, ou na Rua de Aveiro n.º 1, onde atende os seus clientes.

As terças e sexta-feiras, só permanece nesta vila das 10 às 13 horas, pois das 15 horas, em diante, atende na sua residência, em Castro Marim, o público que se lhe dirija.

Vila Real de Santo António, 8 de Setembro de 1956.

O Solicitador José Cândido Monteiro

A ILUSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232 LISBOA TELEF. 25764

FOTO-ZINCO TRICROMIA FOTOGRAFIA ZINCO-GRÁVURA E DESENHO

MORADIA E ARMAZÉM
Vendem-se, no centro da vila.
Trata o construtor civil, Mateus Fernandes.

PORTO RAINHA SANTA
ATÉ OS ANJOS BEBEM!...
RODRIGUES PINEIRO & C.ª
Vila Nova de Gaia



Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

Seja económico Poupe muito dinheiro PREFIRA A TIPOGRAFIA SOCORRO FÁBRICA DE CARIMBOS
As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, o equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.
VILA REAL DE STO. ANTÓNIO Telefone 69 Apartado 3

OS GRANDES HUMORISTAS

O DELÍRIO DO EXCURSIONISTA

Por ARMANDO FERREIRA

Já chegaram o Pires, da farmácia, o Eusébio, dos Seguros e a Dona Eulália.

O autocarro, promovido a «de luxo» pelas Viagens Mundiais Procópio, despejou-os, ao cair da noite, com os restantes 37 companheiros, muito mais magros mas muito mais «viados», no Largo do Socorro.

Já chegaram, mesmo, todos os Eusébios e Eulálias que, contagiados pelo delírio do excursionismo, andaram todo o ano a juntar os quatro contos necessários para durante dezoito dias darem quase a volta ao Mundo.

Corre por toda a parte a febre de ir... para onde se não está. Inventaram-se, de princípio, pretextos com chariz: Exposições, Feiras... Depois vieram os motivos exteriormente sérios: Congressos, Conferências mundiais, Certames internacionais, Festivais de arte... Até que, na multiplicação sucessiva — para contentar todos — se começaram a inventar os Simpósios e os Colóquios, variantes latinas, afinal, do Comediorium Internacional. Mas os mortais mais desprovidos de fantasia, incapazes de fomentar o Congresso para o Avanço da Indústria da Cera, a Reunião Geral dos Contribuintes Sorridentes, ou o Congresso Internacional dos Coleccionadores de Capicuas Amestradas, esses só têm como recurso, para «irem lá fora», o excursionismo colectivo e sintético, que algumas agências beneméritas lhes proporcionam a preços mínimos e velocidades máximas.

A viagem é planeada e acompanhada por um técnico descendente de «Monsieur» Passepartout. De facto, os excursionistas — mais propriamente designado por «participantes na maravilhosa viagem» — passam por toda a parte: «Barcelona. Chegada às 10 horas. Transporte ao hotel, almoço, visita à cidade, com guia-interpretante, e partida às 10 e 20.» Ao portuguêsinho, ansioso de ver muito, agrada-lhe esta técnica de não perder tempo.

Assim, o Eusébio, o Pires e a Dona Eulália, como os outros 37 companheiros da célula ambulante, vêm radiantes por terem visitado, a Espanha, a França, a Itália, a Alemanha, a Bélgica, a Holanda, e uma lasquinha da Suíça. Em dezasseis dias, confesse-se, não se podia aproveitar mais.

— Então, Dona Eulália, viu a Capela Sistina?

— Vi, vi, oh, se vi! Capelas e Igrejas em Roma, era entrar e sair. A mais linda era uma com uns vitraux lindos, a *Sainte Chapelle*, não sei se sabe qual é, onde o Papa vai rezar todos os domingos...

— Ah! E foi ao Pincio?

— Creio que sim. Fomos até de gondola, se bem me recorda. Gostei imenso! E' como Aveiro, mas em mais sujo e com palácios mais velhos, todos em osso...

— E em Bruxelas, foi ver as rendas, é claro?

— Não. Não me interessaram. Para quê? Não pensamos em mudar-nos para lá. Sabe, eu para o final da viagem, já os deixava ir a correr, a correr, ver os museus e os palácios. Visto um, são todos a mesma coisa, não acha? Aproveitava para ficar a escrever postais às amigas e vizinhas, de cá. Mas museus, para mim, só em Paris: é o Grevin. Conhece? Que perfeição de figuras e de quadros com personagens históricas ao natural! Ah! Paris! A Torre, o Arco do Triunfo, as Ramblas! Até fui a seis cabarés na mesma noite. Vi *apaches* autênticos ao pé de mim, e... respeitaram-me; a França já não é o que era dantes, não acha?

— E a respeito de contrabando, Dona Eulália, comprou muita coisa?

— Isso sim! Tudo caríssimo! Era tudo aos *dézes milles* de francos...

— E de liras.

— Não; não cheguei a delirar por nada. Em Espanha é que está tudo muito barato. Era em

pesetas... Cem, duzentas, trezentas. Tudo barato. Eu não sei a como está a peseta, porque o Eusébio é que faz os câmbios quando eu avanço para as montanhas, mas o que sei é que era barato, com certeza. De Paris só trouxe uma novidade, muito útil e prática, para dar à minha cunhada, que gosta muito de cozinhar: uma máquina para cortar legumes, descascar ovos, picar salsa, e fazer rodela de tomates e enfeites nas batatas, ou o contrário, não sei bem, porque não li ainda as *instructions*.

— E perfumes?

— Nem cheiro. Caríssimos. O Coty nacional é muito mais barato. Trouxe envelopes e papel de carta dos hotéis, para recordação...

Estes banhos de cultura ao quilómetro, da camada média, tem o condão de criar novos apetites para futuras caravanas de descobridores do velho Mundo, ou de fazer desistir os mais prudentes, que apanham o enjoo de escultura, pintura e fatias finas de carne assada em todos os hotéis do percurso.

— Então, senhor Eusébio, gostou de passar a fronteira?

— Se quer que lhe diga, nem senti. E olhe que ia com muita atenção para ver onde era, mesmo, mesmo, a raia, e quando dei por mim já estava do outro lado! Quem me havia de dizer que afinal o estrangeiro se conhece por ser o sítio onde se vende *Coca-Cola*!

— Mas traz boas impressões?

— Sabe... Nós também temos cá tudo aquilo e outras coisas que eles não têm, e tudo em português, que se entende muito bem! Isto para andar lá por fora, é necessário uma preparação especial. Quer saber o que me sucedeu na *Gruta Azul*, um sítio muito reclamado, e tal e coisas? Pois oiça. Andei num vapor; mudaram-me para outro barco; com risco de cair à água, meteram-me numa chata, e navegámos para uma entrada da rocha baixinha e perigosa! O homem do barco disse-nos para nos agacharmos no fundo da chata e fechamos os olhos. Assim fiz. Esperei quase uns cinco minutos, a escutar o chap-chape dos remos, e quando ouvi dizer que podia erguer-me e abri os olhos... já cá estava fora outra vez! Não vi nada da maravilhosa gruta! Já vê que é preciso saber viajar... Ao menos, na Boca do Inferno, que é um espectáculo que muito nos honra... percebe-se tudo.

— E Paris? Formidável, hem?

— Bem... Lembre-se de que eu fui com a *patroa*. Limitei-me a comprar uma colecção de postais, daqueles que só vendem a pessoas de confiança e em segredo... Não se deve viajar com mulheres. São empecilhos. No autocarro, toda a viagem fomos a parar por causa de três ou quatro *madamas*: aquilo era, com certeza, meio litro aos cem quilómetros! Uma maçada! E parar nas montanhas todas? E querer comprar tudo? A Eulália, nisso é que é económica. Só lá comprou uma maquina francesa para a cozinha. Mas, coitada... Quando cá chegou e foi oferecê-la à minha irmã... sabe lá a surpresa! Ela tinha comprado uma, exactamente igual, numa loja do Chiado e por metade do preço!

Mas o Pires, o Eusébio, a Dona Eulália e todos os Pires e Eusébios e Donas Eulálias, cá da terra, só agora é que verdadeiramente vão começar a viajar... nos serões familiares e tertulianos, em que descrevem aos amigos e vizinhos as aventuras dessa corrida contra-relógio que foi a maravilhosa excursão proporcionada pelas *Viagens Mundiais Procópio*, do Beco do Alegrete.

(Do «Diário Popular»)

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.



DESPORTO
BASQUETEBOLE

Lusitano, 37 — Ginásio, 64

Jogo no Parque dos B. Voluntários
Arbitro: Romeu.

Lusitano: Ângelo (1), Gavino, Andrade (12), Branco (16), Albano (8), Salas, Jara I e Jara II.

Ginásio: Fonte Santa (7), Luís do O' (16), José Fernandes (4), Pinto (1), Garranha (36), Vicente, Alves e Almeida.

O campo de jogos apresentava-se bem emoldurado de assistência, que aplaudiu demoradamente as equipas, quando estas entraram no recinto.

Principiou o desafio no meio de grande entusiasmo, que ia aumentando gradualmente à medida que o prelúdio ia decorrendo, pois as jogadas faziam-se alternadamente num e noutro meio-campo e os encestamentos sucediam-se, ora para uma ora para outra equipa, dando assim uma ideia de equilíbrio.

Mas quando os jogadores Fonte Santa e Garranha, principalmente este, começaram a carrilar e a ordenar todo o jogo da sua equipa, acentuou-se a supremacia do Ginásio, que se manteve até final, mesmo não podendo estes contar no segundo tempo com Fonte Santa, magoado numa mão.

Assim, o despique não teve tanto interesse, mas por outro lado pôde assistir-se a uma boa exibição de Garranha, jogador na verdade extraordinário e a quem dá gosto ver jogar, para apreciar a sua maneira fácil de encestar e de fintar, que são, na verdade, primorosas.

No entanto, também é verdade que a jovem equipa lusitanista está a fazer nítidos progressos, e isto vê-se bem na maior facilidade de encestamento, pois marcaram mais pontos do que contra «Os Olhanenses», o que é agradável de verificar-se.

Assim, esperamos que continue a melhorar, para bom nome do Lusitano e para podermos dizer que as outras equipas contam com mais um adversário de valor, para bem da modalidade.

Dos jogadores do Ginásio, aparte Fonte Santa e Garranha, jogadores de méritos comprovados, todos cumpriram bem; no Lusitano, também não temos nomes a salientar, pois todos se esforçaram igualmente; no entanto, destacamos Branco, que continua a ser o melhor marcador da equipa.

A arbitragem agradou.

S. Salas

Uma crónica por semana

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

surgem-me só possíveis em Israel. Não se trata já de uma experiência, de discutíveis e incertos resultados. O «Kibutz» e a sua economia, o seu valor decisivo na colocação de imigrantes e o efectivo contributo para o progresso e o povoamento de Israel não podem ser ignorados ou desdenhados por quem tenha por obrigação apreciar, nos seus múltiplos aspectos, a vida do novo Estado do Médio-Oriente.

Ao mesmo tempo que se instalavam na Palestina as primeiras granjas de tipo comunalista, em experiências para a criação de um novo sistema de vida, outras se tentaram em vários cantos do Mundo, até em ilhas isoladas do Pacífico, por grupos acráticos, «saturados» de civilização. Todas estas últimas tentativas se malograram e algumas de forma estrondosa. Mas as diligências judaicas na Terra Santa consolidaram-se e proliferaram — e hoje, em qualquer ponto de Israel se vê um «Kibutz» e mais outro e mais outro, e centenas de «Kibutz». O espírito de unidade, de sacrifício e de renúncia que faltou nas iniciativas mais ou menos acráticas de europeus de várias nações, ligadas por pensamentos sem raízes sólidas, como se verifica pelos resultados obtidos, sobejou nas colónias judaicas. Por isso umas tentativas se finaram tristemente e outras são, no presente, uma grande realidade.

O fenómeno «Kibutz» tem seu ambiente próprio em Israel. Retirado da paisagem bíblica, levado para outros cantos da terra e tentado por outro povo que não fosse da ténpera do judeu, esmoreceria e não daria frutos. Por isso, o leitor terá que manter sempre presente a Bíblia e a pátria palestina, pois as figuras que vivem no «Kibutz», que o trabalham e o engrandecem são, por força, arrancadas às próprias páginas do Grande Livro.

«Bíblia, água, guerra, cimento e «Kibutz» são as palavras que se ouvem com mais frequência pronunciar em Israel. Cimento representa o esforço de construção; guerra e insegurança provocada pelas incursões dos árabes; água, a fertilidade da terra; e «Kibutz» as granjas de tipo comunalista. Sobre tudo isto, e acima de tudo isto, a Bíblia.

O sistema de exploração da terra pelo «Kibutz» é tipicamente palestino. Nasceu da necessidade interior do judeu imigrar para o país e da impossibilidade, nessa época em que a experiência começou, da cultura pelo processo individualista. Os judeus começaram a afluír aos bandos e num mundo hostil, sob o domínio turco, não encontrariam serviços de lavoura, ainda que tivessem dinheiro para lhes pagar. Por outro lado, nas terras virgens que pretendiam cultivar, afastadas dos grandes centros e sem meios de comunicação, a vida isolada, além de perigosa, seria impossível de manter-se.

O idealismo dos primeiros pioneiros resumiu-se ao tratamento das terras áridas que, depois de «fabricadas», eram oferecidas a outros grupos que viessem e as quisessem continuar a tratar. Deste sistema de vida errante nasceu, pelo aparecimento das mulheres e das crianças, a necessidade da fixação. As primeiras

tentativas de colonização agrícola comunalista principiaram por volta de 1905, mas em 1920, um oficial judeu da Rússia do Czar, que na Palestina se havia refugiado, criou o vasto movimento dos pioneiros. Em hebreu, têm o nome de «hehalutz». Dois anos depois, havia já na Terra Santa dezoito grupos agrícolas, com mil e duzentos pioneiros. Em 1936, existiam quarenta e seis granjas do tipo comunalista, reunindo dez mil e setecentos «hehalutz», que cultivavam cerca de quinze mil hectares. Nos últimos anos, a experiência idealista, em vez de se malogar, como muitos sociólogos esperavam, obteve resultados verdadeiramente surpreendentes. Pode hoje dizer-se que, mesmo que existam numerosas granjas colectivas, com o trabalho realizado parcialmente em comum e os lucros da exploração proporcionalmente divididos, e propriedades agrícolas administradas pelo sistema individual, os «Kibutz» são a base da agricultura israelita. A superfície do país cultivado era em 1948, data da proclamação do Estado de Israel, de um milhão seiscentos e cinquenta «dunans» (um «dunam» corresponde a mil metros quadrados); e é em 1955/56 de três milhões e seiscentos e oitenta mil «dunans».

O sistema de «Kibutz» tem por base a propriedade colectiva dos meios de produção. «Tudo é meu sem nada me pertencer», disse certa vez um trabalhador de «Kibutz», a André Chouraqui. O pioneiro dá toda a sua inteligência e todo o seu trabalho ao «Kibutz», mas não recebe salário. Em troca do seu esforço, tem direito a casa, alimentação, assistência médica, diversões e educação dos filhos.

Um pioneiro considera o salário como uma paga, que sendo boa ou má, justa ou injusta, é uma paga. Ele afirma que a mais triste condição do homem, depois da escravatura, é o salariato. O assalariado faz o seu trabalho sem amor, sem idealismo. O homem do «Kibutz» realiza a sua obra sem pensar no dinheiro que irá receber, sem o espírito vil de trabalhar bem para o patrão lhe pagar melhor. O pioneiro é livre e obedece às necessidades da colectividade que criou e da qual faz parte, uma colectividade sem classes e onde a igualdade é perfeita. Pode não usufruir todos os progressos mecânicos da civilização moderna, mas não assiste ao doloroso espectáculo de uns possuírem tudo ou muito e outros nada terem.

Esta é a essência da doutrina idealista dos indivíduos agrupados na exploração agrícola na forma de «Kibutz». Demasiado idealismo para os tempos que vão correndo, dirão uns, utopia prejudicial ao progresso humano, afirmarão outros. Limite-me a apresentá-la, como a vi, na pureza das suas intenções, que ainda

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Visado pela Comissão de Censura

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

A. VICENTE CAMPINAS

— POESIA, CONTO E ROMANCE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

especial interesse ao lirismo do livro em questão. E torna-se curioso notar também que, por vias diferentes, consegue A. Vicente Campinas um plano universal para a sua obra: em poesia, através da temática despida de regionalismo; na prosa, através dos temas sociais da sua região, rica em humanidade e em sofrimento dessa humanidade.

Onde se nos depara o regionalismo em toda a sua plenitude e todo o seu significado social é no seu romance «Fronteiriços», que para além de ser um belo documento humano, é ainda um acto de fé do Autor — dados os baldões que o livro sofreu antes de ver a luz da publicidade. Não sei como o público reagiu perante os apontamentos que constituem as páginas do romance — mas não há dúvida de que A. Vicente Campinas nos deu uma corajosa água-forte do viver do povo que habita a margem direita do Guadiana, ali onde ele entra no mar. E caso curioso, a acção aparece-nos partida, por vezes dispersa. Não há figurativo permanente. A acção é a própria vida sofrida dos menos felizes na distribuição das riquezas, e essa vida vai-se reparando por todos na mesma angústia de sobrevivência, no mesmo anseio esperançado de que talvez amanhã o mundo em que vivem seja melhor na distribuição dos bens e na distribuição da felicidade.

Paira nestas páginas, implicitamente, um libelo acusatório contra a sociedade que permite que o seu próximo vegete nesta selva criminosa que gera a prostituição, a revolta e a morte. Deste modo, há episódios inesquecíveis: como o da cheia do rio, a pesca quase milagrosa dos peixes estonteados, a perda da filha do Patacho, o contrabando e a morte do Patacho e a revolta do povo contra o homem que abatera o contrabandista. No final, fica deste romance uma grande lição de humani-

tismo sincero e escaldante e, simultaneamente, o raio de não extinta luz, que será um futuro melhor, ainda que sonhado, de que um dia o sol da alegria também há-de brilhar para estes habitantes dos porões da vida.

O mesmo halo de poesia, que preencheu algumas das mais belas páginas do romance de A. Vicente Campinas, pode encontrar-se no livro de narrativas «Travessia», onde as páginas arrancadas à vida são por vezes mais dramáticas do que aquelas que lêramos no romance já referido. O tema natalício é aproveitado duas vezes com um nível de dramaticidade invulgar. E devemos dizer que esse nível de dramaticidade, ainda que o Autor não tivesse pensado nisso, tem muito mais conteúdo cristão do que muitas loas que por vezes se usam nessa quadra para festejar o nascimento do filho de Deus. Quer no mocinho que sente a não presença do «Pai Natal», invenção burguesa que conhece apenas os meninos ricos, até à mulher que nessa noite tem o filho na rua, a caminho do hospital, há uma ligação invisível e perdurável: a de que foi para esses mais do que para ninguém a mensagem dessa noite que se não repetirá mais.

Compadre Baleizão é uma figura de bom recorte picaresco, que foi aproveitada na sua total vivência e significado, da mesma forma que logo a seguir A. Vicente Campinas nos dá um completo retrato da vida de luta angustiada de todos os dias naquele bairro pobre onde só pobres moram. «Encontro» é de ambiente diferente, onde em diluções tintas se põe à divinação as nuances da luta que o homem tantas vezes é obrigado a sustentar contra as forças negras que o amordaçam, como tem significado profundo o conto que se lhe segue «O roubo», contado em pinceladas negras mas perfectas, na história de uma mulher que procura arrancar ao mar o mínimo de alimento para si e para os seus e que nessa luta quase perde a vida, além de o mar lhe roubar um objecto de aparente falta de significado: o cesto onde estavam as conquilhas que conseguiu, arrancar à maré brava, para matar a fome.

Outra figura de real grandeza é a do homem gordo, o perfeito e humano camarada, bem como é de grande ternura o motivo do conto a que o autor chamou «A morte do cão». Belo, ainda, o conto que dá título ao livro: a primeira viagem clandestina de um garoto às terras fronteiriças da Espanha.

Para além das qualidades que já ficaram mencionadas, devemos notar ainda a facilidade com que o Autor narra os motivos que o impressionaram, a facilidade e verdade da dialogação e o perfeito aproveitamento da fala local, a enriquecer o nosso léxico de uma terminologia que nem sempre vem nos dicionários. Por isso, obedecendo ao grande clássico que é o povo e não a Academia, A. Vicente Campinas construiu, num estilo vivo e sóbrio, o seu romance e os seus contos.

Eis, em resumo, o que se pode dizer deste escritor algarvio, que no seu regionalismo fez obra de motivos francamente universais. O que aqui se prova é que a luta é igual em todas as partes onde os homens sentem e vivem, e porque sentem e vivem com os outros homens é que são verticalmente humanos.

Amândio César

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

EXCELSIOR

As melhores tintas para nários de pesca e comércio

TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

VENDE-SE

Terreno para 4 moradas de casas, que medem 9 metros e meio de frente por 14 de fundo, ou seja 38 x 14. A seguir às obras que estão em construção na rua Jacinto José de Andrade, nesta vila.

Quem pretender dirigir-se a João do Carmo Vieira ou a José Luis Ribeiro.

ATENÇÃO

A Papalria e Livraria «ARTYS», avisa os Ex.ªs Pais e Encarregados de Educação de que, além de ter todo o material necessário aos estudantes, facilita-lhes a sua aquisição, com a abertura de uma conta corrente.

TODOS A «ARTYS» — Rua de Santo António, n.º 92 (frente ao Café BRASILEIRA — F A R O)

Clínica de Santo António
(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
RUA BARÃO DO RIO ZEBE, 19

JOSE BENTO DE SOUSA e FILHO

DE
MERCERIA NOVA

S O N A

ndo pagando luxo?

VIDRO ou LOUÇA «VISTA ALEGRE»

Deseja comprar V. Ex.ª lindas ofertas em

S I M S

Queríamos que a instrução tocasse a todos, provado como está que a ignorância se dá quase sempre as mãos à miséria. Mas daí até supormos que a muita instrução dá garantias de superioridade moral, vai uma grande distância. Não nos vemham dizer que quando do homem fizerem um ignorante, estamos permanentemente na contingência de o transformar em animal feroz. A ferocidade não se vai do homem, por muito o leccionarmos nos conhecimentos científicos ou profissionais. Não. A barbárie científica não é expressão de simples retórica. De certo que o homem precisa de instrução — de muita instrução — mas importa que, a par da instrução, receba, principalmente, educação moral e religiosa. A instrução modela a inteligência, enche a memória, — mas não forma a alma. E sem alma bem formada não temos homem, o homem de que o mundo precisa.

Instrução e educação não hão-de hostilizar-se — mas completar-se.

A FILOSOFIA, COMO A CARIDADE...

A filosofia, como a caridade bem compreendida, por nós próprios deve começar. Antes de Sócrates, os filósofos esqueciam-se do homem e voavam aos céus. Discretavam de rebus pluribus, sobre este mundo e o outro, só não se consideravam a si mesmos. Foi Sócrates quem fez descer a filosofia do céu à terra, da natureza objectiva à natureza subjectiva, ao próprio homem, tomando este como centro das suas preocupações morais e metafísicas. Muitos séculos mais tarde, Bossuet viria dizer, também, que a mais sólida, mais útil, mais fácil e mais séria investigação, no campo filosófico, era o próprio homem. «Pour devenir parfait philosophe, l'homme n'a besoin d'étudier autre chose que lui-même.»

E, sendo assim, escusado seria folhear os livros dos outros, folheando-nos a nós mesmos. Tal a ideia — exagerada, é evidente — do famoso orador. Mas, mesmo descontando o exagero, ainda fica muito de verdade. Lemos demais nos outros — esquecidos de lermos na nossa própria alma.

LIBERDADE DE FILOSOFAR

A liberdade de filosofar é direito natural no homem. Tão natural como o de respirar. Ninguém se lembra de tributar o direito de respirar. Que ninguém se venha a lembrar de pôr limites ao direito de filosofar. Pior do que todos os monopólios é o de haver alguém que se julgue na posse do exclusivo de pensar sobre este mundo e o outro, não deixando a terceiros a liberdade de raciocinar. Com o cerceamento dessa liberdade, teríamos a bancarrota do espírito.

Portugal e a questão do Suez

Qualquer carácter provocativo, não tende a fomentar situações de crise, mas, pelo contrário, traduz um esforço legítimo e de boa vontade — para ir vencendo dificuldades e encontrar soluções, tanto provisórias como definitivamente, para os problemas que o caso do Suez veio trazer à inquietação do Mundo. Nesse sentido trabalhou empenhadamente a delegação portuguesa.

Para concretização dessa unidade, resolveu-se criar o indispensável organismo representativo — a Associação dos utilizadores do Canal do Suez (U. A. U. C. S.) — e importa não esquecer que as 18 nações reunidas em Londres representam, só por si, mais de 90 por cento do tráfego que passa pelo Canal.

Não entrarei a descrever os múltiplos e são propósitos da Associação; a declaração final da conferência e seu anexo, já tornados públicos, falam por si mesmos. Devo apenas salientar que ficou bem claro que a Associação, sobre cujo efectivo estabelecimento vão pronunciar-se em definitivo os governos, não tem

Noticias do Algarve

UMA CRÓNICA POR SEMANA Relâmpagos O Monumento ao Infante D. Henrique

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

me pareceram mais puras e ideais por terem como cenário a Terra Santa.

O sistema de «Kibutz» é voluntário, e qualquer dos seus componentes pode abandoná-lo e ir refazer a sua vida, pelos processos mais correntes, nas grandes cidades palestinas. O certo, porém, é que a percentagem das desistências não é superior a três por cento. Necessariamente, haverá que ter uma extraordinária capacidade de sacrifício e de renúncia para se aceitar a dura vida do «Kibutz». Ali, o trabalho principia ao amanhecer com um curto intervalo para almoço, e só termina às quatro da tarde. Quando há tréguas e os árabes permitem que se faça a vida normal de tempo de paz, os trabalhadores regressam ao lar, onde se encontram com suas mulheres, que nessas mesmas alturas deixam também os seus afazeres na granja. Os filhos, que passaram o dia na «creche», onde recebem todos os cuidados, ou na escola, reúnem-se aos pais para algumas curtas horas de convívio familiar. Ao anoitecer, todas as crianças, que dormem separadas dos pais, regressam à «creche», e os casais assistem a uma sessão de cinema, depois do jantar, no grande refeitório comum.

No «Kibutz» não existe uma profissão definida. Quer dizer, o cavador, a quem cabe, durante uma semana tratar do amanho duma determinada porção de terra, será amanhã, por um processo de rotação, cozinheiro, tesoureiro ou tractorista. E acontece até que alguns «hehalutz», médicos especialistas, professores, técnicos ou advogados, exercem as suas profissões fora e dentro da granja. Um professor pode pertencer a um «Kibutz» e dar aulas numa Universidade. O dinheiro que recebe do Estado pelas suas lições é, porém, entregue à administração do «Kibutz». Um político ou um ministro — é o caso de Ben Gurion — pode também pertencer a uma granja comunalista. No entanto, o político, o ministro, o professor, o técnico ou o médico serão obrigados, pela lei do «Kibutz» a servir na granja nos trabalhos compatíveis com a sua idade e o seu vigor físico.

A história de Nôa Krongoldi

«Pertence à segunda geração do «Kibutz», os seus dois filhos são a terceira. Ali nasceu, ali se criou, ali se educou, ali casou e ali espera morrer. Chama-se Nôa Krongoldi. Considera-se feliz. E quando eu insisto na pergunta: «É inteiramente feliz?», responde, sem reticências: «Sou inteiramente feliz». Histórias da minha meninice diziam que o único homem feliz que fora encontrado sobre a Terra não tinha camisa. Eu encontrei junto ao Jordão, numa vila agrícola, uma mulher feliz, sem

O DIA DO PAI

O Grupo Onomástico «Os José de Portugal» está promovendo uma larga acção em louvor de S. José, seu Patrono, a qual está interessando o País inteiro.

Todos os anos, em 19 de Março, dia de S. José, se têm feito comemorações em sua honra e, de ano para ano, avoluma-se a sua projecção, pelo que é de esperar que, de futuro, esse dia seja consagrado ao Santo Chefe da Família Sagrada.

Em 19 de Março do próximo ano, pensa a Direcção do Grupo Onomástico «Os José de Portugal» apresentar à Assembleia Nacional uma representação, que será assinada por milhares de portugueses, José e não José, solicitando que o dia de S. José seja feriado nacional e considerado como o — DIA DO PAI — a exemplo do feriado de 8 de Dezembro — DIA DA MÃE. Projectam também «Os José de Portugal» oferecer, nesse mesmo dia, no Continente e Ilhas Adjacentes, centenas de enxovais aos José pobres nascidos nesse dia.

ambições, uma figura que cada vez mais se me afirma como arrancada à própria Bíblia.

Com o marido, que hoje está encarregado do tratamento e da vigia das grandes plantações de bananas, e amanhã manejará o tractor, lutou, lado a lado, de clava no ombro na guerra da independência, na luta contra a coligação árabe. Sofreu o horror da fome e do tormento da sede.

Depois, a paz, a paz preciosa, o regresso ao «Kibutz», a contemplação das velhas árvores que a viram nascer. Mas, continuamente, insistentemente, a insegurança provocada pelas incursões dos vizinhos, a ida apressada para os abrigos subterrâneos, os medos passados pela sorte dos filhos confiados à «creche».

—Nesses momentos, nunca pensou em ir buscar os filhos e guardá-los junto de si? —Nunca! Os filhos não pertencem só aos pais, são um bem, são o futuro da comunidade... E a «creche» que vela por eles, que os trata quando estão doentes, que os educa...

—E não sente, às vezes, saudades deles?... Não gostaria de os ter mais tempo junto de si?... —Esses sentimentos são uma manifestação de egoísmo que procuramos que não exista na nossa sociedade... Compreenda: eu fui educada assim, pois nasci em Beit Zera. O resto do Mundo é estranho para mim, ainda que o conheça.

Não insisto. A sua opinião é firme. Eu, que não sei se estou a viver séculos para trás — ou séculos para a frente? — limito-me a guardar na memória, para os reproduzir com a maior fidelidade, os seus pensamentos.

Nôa assevera-me que nunca sentiu a necessidade de dinheiro. O «Kibutz» mandou-a a Jerusalém para concluir a sua educação e diplomar-se em professora primária. Regressou à granja e principiou a leccionar. O Estado israelita paga-lhe o seu vencimento de professora, mas não é ela quem o recebe — é o «Kibutz»... Certa vez, há poucos anos, fracturou gravemente um braço. Foram consultados todos os médicos que, na época, viviam em Israel. E a opinião geral foi que devia ir a Inglaterra consultar determinado especialista. Mas Nôa não devia fazer sózinha tão longa viagem.

E o Secretariado nomeou o marido para a acompanhar. Foi operada em Londres. E, no regresso à Terra Santa, visitou a França e a Itália. O «Kibutz» pagou todas as despesas. Nôa confessa que, nos tempos da sua infância, a vida foi dura no «Kibutz». Seus pais, que ainda vivem em Beit Zera e são pessoas válidas para o trabalho, sofreram com os outros companheiros a dureza do isolamento, a tragédia das colheitas perdidas e a própria fome. Mas os pioneiros, na sua atávica fatalidade, não desistiram. E hoje Beit Zera é um belo e mimoso jardim, semelhante a uma estância de repouso na Europa. Todas as casas têm electricidade, as ruas e largos ajardinados da vila agrícola são profusamente iluminadas. No hospital da «creche», os meninos têm assistência médica. E não há dinheiro, não existe a necessidade de dinheiro, não «corre» o dinheiro. Os produtos agrícolas são, na sua maior parte, trocados a intermediários da cidade por artigos manufacturados de que o «Kibutz» necessita. Nalguns casos, effectuam-se vendas e o dinheiro fica depositado em Bancos, à ordem do «Kibutz». Com essas importâncias se atendem aos casos urgentes, como o da doença de Nôa.

—Nunca senti necessidade de ter dinheiro? —Não. —E nunca viu, num joalheiro de Haifa, uma joia que gostasse de possuir?... —Terei que ser sincera a um estrangeiro amigo! Sim! Por vezes, na Inglaterra e na França, vi joias maravilhosas que me haviam de ficar bem. Mas, simultaneamente com o desejo de possuir essas joias, apareceu-me a certeza da impossibilidade de as ter, pois todas as mulheres e raparigas do meu «Kibutz» têm direitos iguais aos meus... E eu não seria capaz de ter alguma coisa que elas não tivessem também!... Se eu procedesse ou pensasse de outra maneira, aos meus próprios olhos não seria uma mulher digna.

Insisto: —Nunca invejou um vestido?... —A costureira do «Kibutz» faz todos os nossos vestidos, conforme os desejamos, e eles nem sempre são iguais para todas... Este é o retrato de Nôa Krongoldi, a professora do «Kibutz» do Beit Zera.

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

cê do progresso da vila ir atraindo sempre novos habitantes.

Têm pois, a palavra e... a acção os capitalistas que «vejam» e queiram agir.

Mais uma vez, estamos de parabéns

Fomos dos primeiros a regozijar-nos com a notícia dos melhoramentos obtidos agora para a nossa terra, nomeadamente: a construção de casas para trabalhadores e pescadores, respectivamente, na Vila e em Monte Gordo; as moradias para a classe média; a promessa oficial da breve criação dum Centro de Assistência Social; a abertura da Escola Técnica já instituída; o acabamento da rede de esgotos; a construção do Quartel dos Bombeiros, etc.

E' motivo para nos congratularmos, com júbilo sincero, pelo que tais benefícios representam para todos nós, e patentearmos a nossa viva gratidão, como vilarealenses, aos ilustres governantes que atenderam as petições formuladas pelo nosso Município. Importa salientar, entre todos, o nome do sr. eng. Arantes e Oliveira, insigne titular da pasta das Obras Públicas.

Promessas da C. P.

Creemos ter lido, não há muito tempo, que um dirigente responsável da C. P. teria prometido à Casa do Algarve a criação dum serviço de automotoras directas de Lisboa para o Algarve, e vice-versa, para o mês de Julho que findou.

Se não foi sonho duma sesta, neste verão interpolado e desconcertante, estamos inclinados a pensar que ou a promessa revestia uma simples cortezia diplomática, sem intuídos reais de efectivação, ou, se não foi tal, houve reconsideração posterior e resolveu-se que o Algarve continua muito bem servido com o famigerado «rápido», — que, afinal, não o é, nem sequer «directo», mas unicamente «semi...» qualquer coisa, que melhor será não classificar...

Quando chegará a hora de o Algarve ser encarado e tratado, a sério, como fazendo parte, também e sem favor, da comunidade nacional, na sua qualidade de provincia portuguesa das mais ricas e populosas e, portanto, com o mesmo direito a ver atendidas pela C. P. as suas legítimas aspirações de progresso ferroviário?

Pequenos reparos

Não concordam que se faz sentir, na vila, a falta de policiamento, o que significa talvez haver polícias de segurança a menos? Não está em causa o zelo do actual chefe do posto local da P. S. P., que nos consta ser um graduado muito competente, activo e consciencioso, mas a verdade é que o número de guardas em actividade parece revelar-se insuficiente em relação à população e ao movimento actual da terra, mesmo levando em conta a histórica pacatez da nossa gente e a consabida brandura dos nossos costumes... Se o efectivo dos civicos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dominou os mares; por D. Henrique, a nossa Religião e as nossas Quinas levaram ao mundo inóspito a Civilização e a Fé.

E a Civilização e a Fé que Portugal deu ao Mundo não têm similitude nos anais da História Universal. Já Orósio dizia que os Romanos, ao romanizarem a Península, mudaram muitos costumes e criaram novas coisas, mas não conseguiram quebrar a originalidade dos Povos Peninsulares. Ao contrário, Portugal conseguiu que a segregação levada a cabo pelas nossas Descobertas e a consequente colonização, radicasse de tal modo o sentido da nossa índole e do génio da Raça, nos povos com quem entrou em contacto, que os povos submetidos, conquistados, assimilados, pensam e sentem em português, vivem como portugueses o nosso destino, as nossas tradições, os nossos feitos, as nossas coisas, — vivem, finalmente, na continuidade da mesma História e do mesmo Destino Pátrio que levou as caravelas de D. Henrique pelos mares em fora.

Homenagear o Infante D. Henrique é um índice de que permanecem inalteráveis as nossas características de povo navegador, de que não desmerecemos do nosso passado; é o índice de que Passado e Presente não conflituam, mas sim convergem de tal modo que, consentâneos, bebem na

água das mesmas fontes. Quando a jovem dinastia de Aviz começou a reinar, estava Portugal a caminho do apogeu, do máximo da sua força, da valorização estruturada dos seus êxitos, grandes mas dispersos na 1.ª Dinastia; hoje, Portugal, sob a égide da Revolução de 28 de Maio, sob a força duma revitalização que o impõe novamente ao Mundo, após um período de turbulência desacreditadora em que os grandes ideais se obnubilaram, — Portugal reencontra-se, eleva-se, engrandece-se, no caminho da mesma Fé, das mesmas tradições, em projecção e perspectivas de idêntico significado de engrandecimento.

Portugal de hoje não desmerece do Portugal do Infante D. Henrique. — Iguamente não desmerece do inclito D. Henrique o monumento agora projectado, que foi objecto de um concurso em moldes ecuménicos só correspondentes à inespecialidade intemporal do Infante Navegador. A este concurso afluíram vários arquitectos, escultores e pintores, estando representados, ao lado dos portugueses, 25 estrangeiros de renome internacional, e isto demonstra o alto interesse e prestígio de Portugal e dos seus filhos ilustres, nomeada e particularmente incidentes sobre a figura gigante do nosso pioneiro da gesta heróica dos Descobrimientos.

PETRÓLEO DE ANGOLA EM LISBOA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

de profundidade, conseguiram-se, contudo, elementos de informação de alto valor, que confirmaram que se estava no bom caminho; mas esses elementos mostraram a necessidade de atingir camadas mais profundas, pelo que foi adquirida, nos Estados Unidos, uma instalação de sondagem a grande profundidade, capaz de atingir mais de 5.000 metros.

Este material foi montado sobre a estrutura de Benfica, ao sul de Angola, e posto em serviço no curso do segundo semestre de 1954. Uma segunda sondagem, um pouco ao Sul da primeira, atingiu, à profundidade de 2.516 metros, uma camada fortemente impregnada de petróleo e de gaz, que, em Abril de 1955, entrou em produção.

Durante o ano de 1955, uma terceira sondagem foi efectuada na estrutura de Benfica, demonstrando igualmente haver ali petróleo.

Logo que estejam instalados a «pipe-line» e os tanques reservatórios e, mais tarde, a refinaria, Angola contará com um novo factor de riqueza e Portugal com um novo e decisivo elemento de progresso e equilíbrio da sua balança económica.

no posto policial não puder ser aumentado pelo digno Comandante respectivo porque não se prevê a criação dum corpo de Polícia Municipal, com determinadas atribuições, como em Olhão e noutras localidades existem? Aqui deixamos a sugestão, para eventual estudo.

Fauno

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Quando a jovem dinastia de Aviz começou a reinar, estava Portugal a caminho do apogeu, do máximo da sua força, da valorização estruturada dos seus êxitos, grandes mas dispersos na 1.ª Dinastia; hoje, Portugal, sob a égide da Revolução de 28 de Maio, sob a força duma revitalização que o impõe novamente ao Mundo, após um período de turbulência desacreditadora em que os grandes ideais se obnubilaram, — Portugal reencontra-se, eleva-se, engrandece-se, no caminho da mesma Fé, das mesmas tradições, em projecção e perspectivas de idêntico significado de engrandecimento.

Portugal de hoje não desmerece do Portugal do Infante D. Henrique. — Iguamente não desmerece do inclito D. Henrique o monumento agora projectado, que foi objecto de um concurso em moldes ecuménicos só correspondentes à inespecialidade intemporal do Infante Navegador. A este concurso afluíram vários arquitectos, escultores e pintores, estando representados, ao lado dos portugueses, 25 estrangeiros de renome internacional, e isto demonstra o alto interesse e prestígio de Portugal e dos seus filhos ilustres, nomeada e particularmente incidentes sobre a figura gigante do nosso pioneiro da gesta heróica dos Descobrimientos.

Decidiu sobre o mérito dos trabalhos apresentados um júri igualmente internacional, do qual fizeram parte dois delegados da União Internacional de Arquitectos, ficando como vencedor das provas de concurso realizadas o arquitecto João de Melo Breyner Andresen, — nascido no Porto e aí tendo concluído, o Curso de Belas Artes, em 1945, sendo agora, na mesma escola onde estudou assistente da cadeira de Urbanismo, — arquitecto de renome, que teve como colaboradores, para elaboração da maquete sujeita e aprovada, sobre que se decidiu o júri, o eng. Júlio Santos Borges, os escultores Salvador Coelho e Barata Feio, e o pintor Júlio de Resende.

Foi nos Jerónimos que se realizou o concurso, muito significativamente. Em Sagres ficará erigido o monumento evocativo a erguer à memória do Infante, no quinto centenário da sua morte, o que é também de um máximo significado alegórico indiscutível.

Frente ao Mar, na Ponta de Sagres, olhando o verde oceano Atlântico, num repeto de visionário em prossecução do seu sonho de grandeza, heróico e desmedido, num dos extremos de Portugal, perscrutando os cinco continentes, onde a mão de Portugal gravou a oiro as suas legendas de grandeza de um povo impar na coragem e nos louros conquistados, que o mundo, através dos arquitectos agora representados neste concurso, mais uma vez acaba de reconhecer, o Infante representará a vivência de uma força e o espírito vigilante de uma Civilização que está atenta aos destinos da sua Pátria, aos seus pergaminhos, e aos destinos do Mundo.